

O USO DA FOTOGRAFIA NA PRESERVAÇÃO DA HISTÓRIA DOS CLUBES DE CAÇA E TIRO DE BLUMENAU

THE USE OF PHOTOGRAPH TO PRESERVE THE HISTORY OF THE HUNTING AND SHOOTING CLUBS OF BLUMENAU

Maria Luisa Hoffmann

Doutoranda pela Universidade de São Paulo (USP)
Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Professora da Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE)
Professora da Universidade Estadual de Londrina (UEL)
E-mail: maluhoffmann@yahoo.com

Michele Melo

Especialista em Fotografia pela Universidade Estadual de Londrina (UOEL)
Graduada em Comunicação Social pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci (UNIASSELVI).
E-mail: misnoopreta@gmail.com

RESUMO

Este artigo faz uma descrição iconográfica de um conjunto de fotografias dos clubes de caça e tiro de Blumenau, com o intuito de obter referencial para o entendimento da representação imagética da cidade, contribuindo para a preservação de sua memória. Serão utilizadas duas fotografias disponíveis no arquivo histórico José Ferreira da Silva. A escolha das imagens se deu pelo fato de ilustrarem as principais atividades desenvolvidas nos clubes, como desfiles e confraternizações. A contextualização desta proposta de estudos é baseada no método de análise iconográfica, desenvolvido por Panofsky, e na monografia de mestrado da historiadora Sueli Maria Vanzuita Petry, além de outros livros da área de fotografia.

Palavras-chave: Clube de Caça e Tiro. Fotografia. Tradição Germânica. História de Blumenau

ABSTRACT

This article makes an iconographic description of a set of photographs of the Hunting and Shooting Clubs of Blumenau, with the purpose of getting a reference for the understanding of the image representation of the city, contributing to the preservation of its memory. Two of available photographs will be displayed in the José Ferreira da Silva Historic Archives. The selection of the images was made because they illustrate the main activities developed in the

clubs, such as parades and fraternizations. The main reason of the proposed subject is based on the method of the iconographic analysis, developed by Panofsky, and on the monograph of Sueli Maria Vanzuita Petry who holds a historian master degree, among other books in the photograph field.

Key-words: Hunting and Shooting Club. Photograph. German tradition. History of Blumenau

1 INTRODUÇÃO

Ao caminharmos por ruas e edificações de uma cidade, fazemos o trajeto daqueles que um dia desbravaram suas terras. Por meio da fotografia de época desses locais também é possível reproduzir, no campo da imaginação, esses caminhos, e traçar um paralelo entre o presente e a história.

Certos da importância da fotografia enquanto fonte histórica e fonte de pesquisa, pensadores a utilizam hoje como objeto de estudo para compreensão de fatos sociais, tempos históricos, costumes, mitos e religiões. Com o intuito de recuperar aspectos da memória da cidade de Blumenau e incentivar pesquisas a respeito da cultura germânica presente na cidade, este estudo levantou imagens de clubes de caça e tiro do período de 1930 a 1960 e buscou descrevê-las através da análise iconográfica.

Dessa maneira, o objeto de análise deste estudo são as fotografias do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, que também estão expostas (em cópia) no Museu dos Clubes de Caça e Tiro de Blumenau. A escolha se deu pelo fato das imagens ilustrarem as principais atividades desenvolvidas pelos clubes, como desfiles e confraternizações, e por trazerem informações que contribuirão para o conhecimento da representação imagética da cidade. “Quaisquer que sejam os conteúdos das imagens devemos considerá-las sempre como fontes históricas de abrangência multidisciplinar. Fontes de informação decisivas para seu respectivo emprego nas diferentes vertentes de investigação histórica”. (KOSSOY, 1999, p.21).

Por se tratar de fotografias que representam um nicho muito específico das atividades culturais da cidade, dificilmente encontram-se estudos a respeito. Atualmente, o arquivo municipal detém a guarda das imagens, fontes de pesquisa, que estão em processo de digitalização. O contato com a historiadora responsável pelo arquivo histórico de Blumenau, Sueli Maria Vanzuita Petry, em março de 2012, possibilitou o acesso a sua dissertação de mestrado para contextualização da origem das tradições germânicas presentes de forma marcante na cidade e nos costumes de sua população.

2 ORIGEM DA COLÔNIA

Blumenau, localizada no estado de Santa Catarina, completou em 2013 seus 163 anos. O fundador do município, Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, nasceu em Hasselfelde – Alemanha. Era formado em farmácia e tinha profundo desejo de desbravar terras, fundar uma nova pátria.

Com o passar do tempo, os relatos de aventureiros, viajantes e pesquisadores impulsionaram seu desejo íntimo de conhecer o mundo. Tratava-se de perseguir o sonho tão somente. Após sua formação acadêmica em Londres, em contato com o Cônsul do Brasil na Prússia, não o seguiu mais a velha pátria. As vastíssimas regiões subtropicais num encantamento o atraíram: sentia em sua alma o desejo forte de desbravar, de conduzir uma legião de homens e mulheres e fundar uma nova pátria. (CURTIPASSI, 2001, p.18).

É deste sonho que a cidade de Blumenau se originou, em meio a tradições germânicas trazidas pelos desbravadores das terras, dentre elas os clubes de tiro, os *Schützenvereine*, sobre os quais discorrerá o artigo. Para contextualizar o leitor, faz-se necessária uma introdução sobre a região e seu desenvolvimento.

Em 1822, com a intenção de preservar fronteiras e ocupar terras, o Imperador D. Pedro I enviou o Major Georg Anton Alouysius von Schaeffer, amigo da Família Imperial, à Europa, para recrutar homens para seu exército e agricultores para povoarem as terras fartas do Brasil.

A ideia de José Bonifácio de um povoamento agro-econômico-militar seria desenvolvida através da fundação de colônias estrangeiras no sul do país para consolidar a segurança de nossas fronteiras e ocupação de terra. Sob promessa de uma vida melhor, o Governo Brasileiro prometeu-lhes tudo, inclusive liberdade religiosa. Os seus agentes na Europa enviaram, entre 1823 e 1830, cerca de doze mil mercenários e colonos. (PETRY, 1979, p.6).

As primeiras colônias se fixaram no sul do Brasil no ano de 1824, no estado do Rio Grande do Sul, em São Leopoldo e, em 1829, no estado de Santa Catarina, em São Pedro de Alcântara. Apesar do sucesso das imigrações em novas terras, “no Brasil, o dinheiro gasto com os mercenários europeus, o motim dos batalhões de estrangeiros, em 1828, e a forte oposição no Parlamento contra o Imperador, fizeram com que se abandonasse quase por completo a imigração.” (PETRY, 1979, p.7).

Somente no governo de D. Pedro II é que houve um novo surto imigratório, apoiado pela Lei 514 de 28 de outubro de 1848, que atribuía aos governos provinciais o direito a terras devolutas destinadas à colonização.

Em 1846, Dr. Hermann Otto Bruno Blumenau estudava a possibilidade de instalação de novas colônias no sul do país. Explorou o Vale do Itajaí em 1848, ao lado de seu sócio Ferdinand Hacradt, para verificar a fertilidade do solo e as condições que poderiam favorecer as futuras instalações da colônia. Em acordo com o presidente da província, Antero de Brito, retornou à Alemanha para requisitar colonos para a sua empreitada, enquanto seu sócio organizava os serviços de construção para recebê-los.

Para desfazer mal entendidos que teriam gerado uma imagem negativa do país na época da fundação das primeiras colônias, Dr. Blumenau desenvolveu intensa propaganda sobre a região, "utilizando-se de jornais, revistas, conversas e publicação do livro *Suedbrasilien in seinen Beziehungen zu deutscher Auswanderung und Kolonisation* (O Brasil Meridional em suas relações com a emigração e a colonização alemãs)." (PETRY, 1979, p.9).

Abandonado pelo sócio, o farmacêutico quase desistiu de seu projeto. Usando seus próprios recursos e, junto de dezessete imigrantes, em 2 de setembro de 1850, deu início à colonização e à exploração de terras. Seus proventos não eram suficientes e logo solicitou empréstimos ao governo Imperial para executar seu projeto, no total de 85 contos de réis.

Além das dificuldades encontradas logo de início, alguns imigrantes desistiram da empreitada, enchentes e invasões indígenas dificultavam ainda mais a prosperidade da região. Em 1860, Dr. Blumenau assinou um acordo com o Ministério do Império, no qual transferia as terras e benfeitorias ao Governo pelo valor de cento e vinte contos de réis, descontados dos empréstimos, sendo assim nomeado diretor da colônia até sua morte.

3 CLUBES DE CAÇA E TIRO

Em meio a dificuldades, trabalho e invasões de animais e índios, os colonos tinham necessidade de se defender. Além disso, afastados de amigos e familiares, de hábitos e de sua cultura, os colonos sentiam falta do convívio social. Na Alemanha, era costume a participação dos homens em uma festa de atiradores, a *Schützenfest*, na qual praticavam tiro ao alvo. Foi então que surgiram os clubes de caça e tiro, que além de preparar para a defesa das terras também se tornaram uma opção de lazer e um local de encontro.

“A tendência do povo alemão é viver em comunidade e formar associações. Foi através do associativismo que a população resolveu muitos problemas de ordem educacional, espiritual, econômica, recreativa e defensiva no meio agreste.” (PETRY, 1979, p.13)

A atividade passou a ser praticada também em terras brasileiras, nos encontros informais em casas de vizinhos e estabelecimentos, onde além de conversar sobre costumes de sua pátria, praticavam o tiro ao alvo.

As casas dos vizinhos, onde eram desenvolvidas essas atividades, eram afastadas, e cada lote se distanciava trezentos metros um do outro. Além disso, a cada dez quilômetros, havia centros de ordem social que atendiam às necessidades da comunidade, com igreja, escola, cemitério e comércio, e os novos imigrantes que chegavam se estabeleciam na periferia da colônia. O primeiro clube de caça e tiro de Blumenau (*Schützenverein Blumenau*), foi fundado em 02 de dezembro 1859, data em que celebravam feriado na colônia pelo aniversário do imperador Dom Pedro II. Os acontecimentos mais importantes nos *Schützenverein* eram as festas de tiro, que aconteciam na festa de pentecostes, no mês de maio, e duravam três dias.

Para a realização da primeira festa foi necessário um empréstimo de dez mil réis dos comerciantes Karl Meyer e Otto Gustav Spierling. As despesas com a comemoração de abertura e limpeza de estradas; montagem e confecção de alvos e pássaro de madeira para a disputa do tiro; ponteiros para o alvo; aquisição de prêmios e medalhas; pagamento ao alfaiate para confecção do traje do capitão; bandeira e outras despesas diversas. (STIEGLIN, 2010, p.14).

No mês de maio, como de costume, o primeiro dia da festa, o domingo, era reservado para os cultos católicos e protestantes. O segundo dia se iniciava no toque da alvorada pelo estrondo de três tiros de morteiro, o que seria o dia das competições. No terceiro dia, era dada continuação às competições até o entardecer. O encerramento desta festa culminava com um grande baile que anunciava o novo rei e seus cavaleiros.

Foi nesta esfera recreativa e social do *Schützenverein* que os imigrantes resolveram muitos problemas da comunidade. Esse tipo de sociedade viria a ter na Colônia Blumenau maior importância que na Alemanha, pois veio representar 'com a família e a igreja a terceira célula da vida dos colonos teuto-brasileiros'. De todas as formas recreativas, os *Schützenverein* foram as primeiras manifestações do associativismo europeu e serviram de base para a formação da vida social da colônia Blumenau. (PETRY, 1979, p.15).

A partir de 1937, Getúlio Vargas iniciou uma campanha para nacionalizar os teuto-brasileiros. Muitos clubes de caça e tiro, para não serem fechados, mudaram de nome, estatuto e atividades, já que haviam sido identificados como foco de germanismo. Da forma como foi aplicada a campanha, o resultado foi traumatizante para a população que não falava corretamente a língua vernácula e não estava integrada à cultura brasileira. "Estes anos de perseguição e fechamento ameaçaram romper a tradição dos Clubes e do Tiro ao Alvo. Finda a guerra, voltaram às suas tradicionais atividades os Clubes." (PETRY, 1979, p.6). Com a perseguição aos clubes de caça e tiro, na tentativa de abolir qualquer manifesto cultural de

origem alemã durante a Segunda Guerra Mundial, restaram poucos documentos escritos, atas, bandeiras e fotografias que os recordassem.

É provável que muitas atividades tenham se perdido em função destas perseguições, das enchentes e, ao longo dos anos, com a morte de imigrantes e seus descendentes. Mesmo após esse período de repressão, hoje ainda há quarenta clubes associados em atividade no município. Os esportes e modalidades tradicionalmente praticadas são: bocha, bolão, futebol, o tiro, jogos de mesa, skat, olimpíadas entre clubes. Há ainda as atividades sociais, os grupos folclóricos e a eleição de rei e rainha do tiro, com baile.

Segundo Petry (1979), nos anos mais recentes os clubes recuperaram seu prestígio, visto que atuam em prol social, apoiados pelo desejo do Governo Municipal de preservar a tradição. Em função deste interesse, foi elaborado um projeto através de Lei nº 5843/2000 de restauração da antiga casa *Enxaimel*¹ (Figura 1), que foi a primeira sede do Clube de Recreação Esportivo Concórdia, para abrigar o Museu dos Clubes de Caça e Tiro, inaugurado em 18 de junho de 2010.



Figura 1: Museu dos Clubes de Caça e Tiro de Blumenau (Fotografo desconhecido)

Fonte: <http://www.museuclubesdecacaetiro.com.br/index.php>. Acesso em 01 de março de 2013

Além do museu dos clubes, há uma associação que, desde sua criação em 1999, promove a Olimpíada dos clubes, com a participação de todas as entidades associadas, nas modalidades esportivas e culturais em que atuam. Segundo informações disponíveis no site da associação (www.clubescacaetiro.com.br/filiados.php, acessado em 08 mar.2013), nem todos os clubes praticam todas as modalidades. Muitas estão escassas como o skat, um jogo de baralho oriundo da Alemanha, praticado por apenas 5 clubes dos 40 em atividade.

3.1 REIS DO TIRO

Entre as modalidades existentes nos clubes de Caça e Tiro, a escolha pela atividade do Rei do Tiro ocorreu por esta representar importante papel dentro dos clubes, sendo uma das principais atividades ainda hoje praticadas.

A competição consiste em disparar uma série de três tiros, com a arma apoiada sobre um cavalete, ou em uma mesa-cavalete. Antigamente, o alvo era uma peça de madeira e possuía 20 zonas devendo ficar a uma distância de 165 metros dos atiradores. Após a I Grande Guerra, houve alteração no calibre das armas e a distância foi reduzida a 50 metros.

Ao vencedor da prova de tiro, o rei, era dado o direito de disparar dois tiros sobre um alvo de madeira, feito artesanalmente, adornado com letras góticas e com o nome da sociedade, o nome do rei e, abaixo, o nome dos 1º e 2º colocados, denominados cavaleiros e/ou príncipes. Alguns destes quadros encontram-se expostos nos salões dos clubes.

O evento era finalizado com um do baile de sociedade, promovido pelo rei, no terceiro dia do evento, seguinte à vitória, no qual era oferecido um banquete. Neste momento, o rei vigente é quem fazia a proclamação do campeão da competição, entregando a faixa e a medalha, que eram colocadas pela esposa do rei nomeado.

Todos em posição. Agora serão proclamados as 'Majestades'. O presidente oficializa os resultados e os três felizardos são solicitados a comparecer a frente. (Uma dona prende as medalhas no paletó e coloca a faixa de rei e de príncipes respectivamente) Mais algumas palavras do presidente, um triplo 'viva' uma saudação musical e finalmente a proclamação. (BLUMENAU EM CADERNOS, 2004, p.13)

No ano seguinte, os demais atiradores, todos portando orgulhosamente suas medalhas de tiro costuradas em suas vestimentas, eram conduzidos pelo capitão², que coordenava todo o cortejo que se dirigia à residência do rei proclamado na festa do ano anterior. Dentro do protocolo dos clubes, era dado o momento em que o capitão exclamava: "Estamos prontos para buscar o rei. Os dois príncipes entram na casa do rei. Assim que eles aparecem com o nobre senhor na soleira da porta, ouve-se a voz de comando 'Atenção! Apresentar armas!' Três vivas ao rei.".(BLUMENAU EM CADERNOS, 2004, p.14).

Havia casos nos quais a casa do rei era muito longe do ponto de encontro, então contratavam um carroceiro para levar os músicos e idosos. Na residência, eram servidos aos participantes aperitivos (licores ou batidas) pela esposa da majestade. Mulheres e crianças não participavam das competições e do cortejo - apenas do jantar e do baile.

Em seguida, o rei era conduzido com muita distinção até o Clube onde era associado, sob a escolta dos dois cavaleiros colocados no torneio passado - que participaram da mesma competição em que o rei obteve seu título. Assim, era dado início ao desfile pelas principais ruas. Acompanhados pelo som da banda, todos recebiam calorosos aplausos dos assistentes. À noite, animados pela mesma banda, os sócios comemoravam dançando e se divertindo até a madrugada.

O reinado tinha a duração de um ano. Mais tarde, perto do centenário da fundação dos clubes, a mulher passou a participar de suas atividades e também a disputar o título de “Rainha do Tiro”, que premiava a dama que melhor resultado obtivesse na prova.

4 METODOLOGIA

Este artigo utiliza a fotografia como fonte de pesquisa e de informação histórica, através da qual é possível observar relações e levantar informações importantes para a compreensão do passado e para a preservação da memória.

É a fotografia um intrigante documento visual cujo conteúdo é a um só tempo revelador de informações e detonador de emoções. Segunda vida perene e imóvel preservando a imagem-miniatura de seu referente: reflexos de existências/ocorrências conservados pelo registro fotográfico. Conteúdos que despertam sentimentos profundos de afeto, ódio ou nostalgia para uns, ou exclusivamente meios de conhecimento e informação para outros que os observam livres de paixões, estejam eles próximos ou afastados do lugar e da época em que aquelas imagens tiveram origem. Desaparecidos os cenários, personagens e monumentos, sobrevivem, por vezes, os documentos. (KOSSOY, 1998 ,p.28).

Determinar quais fotografias seriam as mais adequadas para serem descritas foi uma escolha difícil, mas considerando os fatos narrados por Raquel da Silva Lindner, coordenadora do Museu dos Clubes de Caça e Tiro de Blumenau durante a apresentação da visita ao museu feita em março de 2012, ficou claro que a seleção deveria obedecer o sentido dos fatos que ocorrem num evento de Rei do Tiro.

Seguindo o método proposto por Panofsky e trabalhado por Kossoy, foi feita uma análise iconográfica acerca das fotografias selecionadas, visando coletar o maior número de informações técnicas e descritivas.

A separação entre análise técnica e iconográfica dá-se apenas para efeito didático. Na prática, esta dupla análise (que corresponde ao exame técnico-iconográfico) se realiza conjuntamente [...] É justamente pelo contínuo cruzamento das informações implícitas e explícitas do documento como um todo que se poderá reconstituir o processo que culminou com a materialização iconográfica de um artefato fotográfico num particular lugar e época. (KOSSOY, 2001, p.77).

Informações como autoria da fotografia e tecnologia de impressão não puderam ser levantadas, pois os originais não possuem nenhum tipo de identificação. Porém, Pollhein (2005, p.60) em sua dissertação de mestrado, lista os fotógrafos que atuaram em Blumenau, desde o ano de 1876 a 2005 (tabela 1). Desta forma, pode-se supor a autoria da imagem de acordo com o período aproximado e a especialidade de cada profissional, mas não seria prudente afirmá-las sem antes desenvolver um estudo mais preciso de todo o acervo.

Tabela 01: Fotógrafos que atuaram em Blumenau

FOTÓGRAFO	ESPECIALIDADE	ANO
Bernhard Scheidemantel	Retratos/ Paisagem	1876
Alfred Hermann D'Escragnole Baungarten	Retratos/ Paisagem	1906
Otto Gröjer	Retratos	1903
Fritz Gelbert	Retratos/ Fotos arquitetônicas	1903
Hanz Joachim Raun	Retratos/ Paisagem/ Industrias sociais	1920
Heinz Schron	Retratos/ Paisagem/ Industrias sociais	1923
Hans Joachim Baugarten	Retratos/ Paisagem/ Industrias sociais	1940
Günter Emil Georg Schroeder	Retratos/ Paisagem/ Industriassociais	1954/2005

Fonte: POLLHEIN (2005, p.60)

Erwin Panofsky, nascido em Hannover (1892), foi crítico e historiador da arte alemã, e um dos principais representantes do chamado método iconológico. Resumidamente, iconografia, segundo Panofsky, é o estudo do tema ou assunto, e a iconologia, o estudo do significado. Para exemplificar, é possível citar uma das imagens que serão analisadas (Figura 2) na qual há um homem com um instrumento de sopro em mãos (percepção iconográfica). Através do que é registrado na imagem, pode-se subentender que seja uma intenção de tocar o instrumento, o homem seria um músico (interpretação iconológica). A interpretação iconológica, não trabalhada a fundo neste artigo, busca fazer relações entre os elementos fotografados - os signos, com seus possíveis significados, e busca relacionar o que esses significados, quando contextualizados, podem dizer sobre o período ou grupo fotografado.

Em seus estudos sobre a arte, Panofsky (1982, p.28) apontou que é necessário distinguir três níveis de conteúdo ou significado na imagem. O primeiro, “mais baixo”, seria aquele percebido por meio da análise pré-iconográfica, que se confunde geralmente com a forma. O segundo é o campo da iconografia, e:

[...] em qualquer dos níveis em que nos movamos, as nossas identificações e interpretações dependerão da nossa bagagem subjetiva e, por essa mesma razão, terão de ser corrigidas e controladas por uma grande consciência dos processos históricos que, no seu conjunto, se podem designar por tradição. [...] De modo que, quando trabalhamos, os métodos de tratamento que aqui aparecem como três formas independentes de investigação misturam-se entre si num processo orgânico e indivisível. (PANOFSKY, 1982, p.28).

5 FOTOGRAFIAS DOS CLUBES

Para descrever este conjunto de fotografias, se faz necessário primeiro considerar a questão perceptual, fazer a descrição pura e simples do que observamos, de como é constituída a imagem quanto a sua visualidade, sua aparência.

Feitas estas considerações metodológicas, retoma-se a questão das fotografias dos clubes de caça e tiro. O primeiro passo foi descobrir o que estas fotografias representam, ou seja, uma interpretação visual das imagens, uma qualificação temporária, de acordo com Panofsky (1982).

Na figura 2, o plano geral permite uma visualização clara deste recorte. O local é composto de uma estrada de terra, um caminhão, um carro, vegetação e uma construção mista. Inseridos neste ambiente, há um senhor trajando um terno claro, ostentando uma medalha ao peito que se destaca dos demais senhores que o cercam na lateral da estrada, de traje semelhante. Alguns poucos utilizam o chapéu como acessório - aparentemente facultativo e aleatório entre os participantes do evento. Próximo destes senhores, encontram-se sete homens portando instrumentos musicais de sopro e tambor, um homem portando uma bandeira - possivelmente a bandeira do Clube - e um homem com uma faixa de duas cores cruzando lateralmente seu tronco, segurando uma bengala.

Aparentemente, houve preocupação do fotógrafo em organizar estes elementos de forma harmoniosa na fotografia, distribuindo informações e reservando espaços de descanso, o ponto negativo, criando uma diagramação clara e objetiva.

Para demonstrar o cortejo em busca do Rei do Tiro, a estrada nos conduz pela fotografia. Em uma linha que começa no canto inferior e sai pela lateral oposta, no início do segundo terço da imagem, é possível identificar a banda, os participantes do evento, a possível casa do Rei, os veículos e o desfile do senhor em destaque, posicionado num ponto-ouro, assistido pelos demais homens em torno dele.

Nota-se que a banda não está em atividade e que o senhor, à frente, posa para o fotógrafo como os demais. Isso nos leva a pensar no funcionamento do equipamento utilizado, pois mesmo sendo tomada durante o dia, parece haver uma preocupação em simular o desfile sem movimentos, para que o registro seja nítido e não fique “borrado”.

O registro do cortejo em busca do Rei pode representar não apenas a conquista do homem de melhor pontaria, que possui maior habilidade entre os cavalheiros da região, mas também do homem de melhor condição social. O traje social, sapatos e chapéu, não são apenas vestimentas para uso formal em um evento de sociedade, pois podem demonstrar o poder aquisitivo deste homem. Em uma conversa informal, Cintia Daniela Galz, estagiária no Museu dos Clubes, informou que existem relatos de moradores locais que, por não possuírem sapatos e ternos, e mesmo sendo os cavalheiros mais habilidosos no tiro, erravam o alvo com o intuito de perder a competição. Desprovidos de condições financeiras para se portarem perante os cavalheiros e a eles prover o banquete e o baile, não poderiam tomar seu lugar como Rei.

Em documentos originais traduzidos e publicados na Revista Blumenau em cadernos, há uma conversa entre membros de um clube que exemplifica estes relatos.

Já no sábado não se ouve falar outro assunto entre os atiradores, que não seja o Rei do Tiro, pois de certa maneira é o principal dia festivo da sociedade. –‘Eu tenho um certo palpite de me tornar Rei amanhã’, diz um. ‘Eu também me contentaria com a medalha de Príncipe’, fala o outro. O terceiro é ainda mais modesto e opina: ‘Se eu alcançasse o primeiro prêmio, eu renunciaria com prazer às medalhas, pois não é brincadeira ser Rei’. Com isso ele se refere certamente à distribuição gratuita da cerveja, que cada Rei precisa oferecer. (BLUMENAU EM CADERNOS, 2004, p.9).

Assim titulado, o Rei é o homem que melhor pontuação obtinha no tiro ao alvo, e recebia então uma medalha. A princípio, houve a suspeita, por meio dessa informação, que o senhor em destaque na imagem (Figura 2) era o rei desfilando entre os cavalheiros e a banda, pois era tradição que ele fosse buscado em sua residência por um cortejo. Mas ao tomar conhecimento da figura do "comandante", a figura deste homem de terno claro pode ser atribuída a este senhor que poderia estar averiguando a presença de todos os participantes no cortejo.

Como as casas eram distantes entre si, fazia-se necessário a contratação de um carreteiro que levasse a banda e os idosos, o que acontecia em raras ocasiões, já que este era um investimento de alto valor. O Rei recebia o cortejo com drinques, um café da tarde colonial ou jantar, que poderia ser oferecido na casa do anfitrião ou na sede do clube.

Nos dias atuais, é comum que os participantes vistam roupas do cotidiano, calça jeans, camiseta e tênis. Há também a participação de mulheres nas competições, o que não acontecia nas primeiras décadas. Elas são eleitas rainhas e princesas e seguem o cortejo trajadas com vestidos típicos da cultura alemã.

Questionada sobre a participação feminina no evento, Raquel da Silva Lindner, coordenadora do museu, informou que há um estudo a respeito, mas que até o momento não é possível afirmar quando a mulher passou a ser aceita nas competições.

A título de curiosidade, o livro em comemoração aos 150 anos do primeiro clube de caça e tiro de Blumenau - *Schützenverein Blumenau* - hoje conhecido como “Tabajara Tênis Clube de Blumenau” traz a informação de sua primeira Rainha do Tiro, Lieselotte Koffke em 1966.



Figura 2: Busca ao Rei Bruno Starke (Fotografo desconhecido)

Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Em busca de uma fotografia que pudesse revelar mais detalhes a respeito do banquete oferecido pelo Rei do Tiro, foi encontrada uma imagem (Figura 3) que pertencia a um grupo de fotografias da Sociedade de Atiradores Blumenau, o primeiro Clube de Caça e Tiro de

Blumenau, fundado em 21 de dezembro de 1859, com 47 sócios. A princípio, a imagem parece retratar um jantar de baile de sociedade, pelo fato de fazer parte do acervo imagético do clube, mas em uma análise mais detalhada, é possível perceber elementos que sugerem outro momento de celebração.

Inicialmente, podemos perceber em sua composição a figura de homens, mulheres, crianças e idosos, todos trajados formalmente. Posicionados à mesa, servida de alimentos, bebidas e um barco decorativo com o número vinte e cinco, o mesmo número que é também representado nas folhas de palmeiras ao fundo. É possível notar também seis alvos com nomes e datas afixados na parte superior da parede. Todos estes elementos estão centralizados entre duas colunas decoradas com folhas de palmeiras.



Figura 3: Jantar na Sociedade de Atiradores Blumenau (Fotografo desconhecido)

Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

A imagem, tomada em plano geral, proporciona a visualização de todo o jantar, e o ângulo um pouco acima da cena, está em um leve *plongé*. Possivelmente, para tomar a imagem, o fotógrafo tenha subido alguns degraus de uma escadaria.

Observando a sequência dos quadros em honra ao rei do tiro dispostos e suas datas, é possível apontar que a fotografia tenha sido tomada na década de trinta. Cogitou-se também a possibilidade da existência de outros quadros com datas posteriores afixados nas laterais do salão, mas, por meio da figura 4 que nos permite visualizar as duas laterais do salão. Na perspectiva do fotógrafo localizado no ambiente ao lado (o restaurante do clube), é notável a ausência de demais quadros. Esta imagem (Figura 4) é apresentada por Bettina Stingelin (2010), em seu estudo sobre a história do primeiro Clube de Caça e Tiro de Blumenau (*Schiützenverein Blumenau*), titulando a imagem como “Restaurante da Sociedade de Atiradores na década de 1930”. Nesta imagem, podem ser vistos os mesmos quadros presentes na figura 3, evidenciando o período em que foi realizada. Logo, Heinz Schron ou Hanz Joachim Raun, que iniciaram suas atividades em Blumenau na década de 1920, podem ter fotografado o evento.

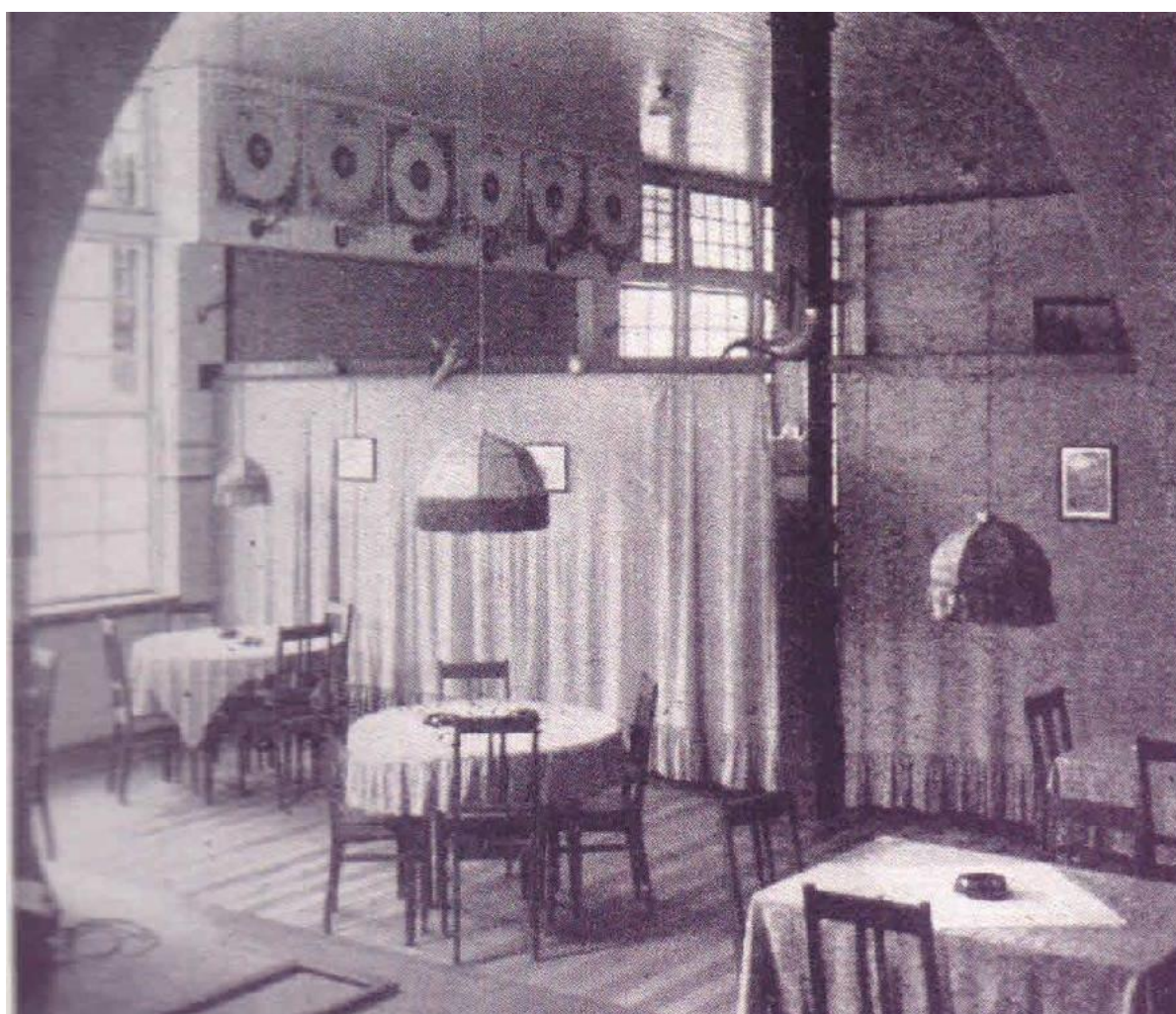


Figura 4: Restaurante da Sociedade de Atiradores de 1930 (Fotografo desconhecido)

Fonte: STINGELIN (2010, p.57)

Na figura 3, sugere-se, pelas sombras projetadas, que a fonte de luz seja contínua e esteja à esquerda do fotógrafo. Pode-se ainda perceber que, o garoto e as quatro pessoas que seguem ao lado esquerdo, sentados da primeira à quinta cadeira da mesa, recebem uma carga de luz maior em comparação aos senhores que estão sentados do lado oposto, e das cadeiras ao fundo. Tamanha é a potência da fonte de luz, que as características faciais de alguns personagens quase não podem ser identificadas e há pouquíssima ou quase nenhuma projeção de sombras.

É possível supor que o evento tenha ocorrido no período noturno, devido à observação da escuridão aparente nas janelas. A iluminação do salão poderia ser insuficiente, levando o fotógrafo a iluminar todo o cenário. A fonte de luz deveria ser potente o bastante para iluminar até o fundo do salão, menosprezando o efeito de superexposição das primeiras pessoas sentadas à mesa.

Na imagem também é possível perceber que o fotógrafo coordenou todos os rostos para que ficassem visíveis, um feito que pode encontrar complicações quando estão praticamente numa mesma linha sentados, mas de forma que estejam um pouco à frente do outro, ora mais retirados, formando um ziguezague de faces.

A dedução do que seria esse evento registrado na figura 3 ocorreu durante a análise visual dos elementos, que apontam para a hipótese de que a imagem possa ter sido feita em uma comemoração de bodas de casamento de um dos membros do clube. Isso porque é possível observar o número 25 e as folhas de palmeira e flores, muito usadas na época para a decoração destes eventos. Foi descartada rapidamente a possibilidade da comemoração do aniversário de 25 anos do clube, pelo fato deste ser o primeiro clube de Blumenau, fundado em 1859 e pelo cruzamento com evidências que apontam para a produção do registro na década de 1930. Uma festa de reis também não é provável, pois o rei estaria usando faixa e medalhas. Portanto, provavelmente se trata da comemoração da data “25 de julho”, dia da imigração alemã.

Hoje ainda é muito comum nos Clubes de Caça e Tiro a realização de festas de casamento, formaturas, aniversários, além de bailes sociais em comemoração à competição do Rei do tiro, caracterizados com as folhas de palmeiras, café colonial e buffet de pratos alemães, dando continuidade às tradições dos clubes, que eram o centro social de cada localidade. A fotografia representa uma reunião, uma comemoração, pois as pessoas parecem estar todas em harmonia, bebendo a mesa, o que sugere um jantar em família ou em sociedade. No acervo histórico não há descrições sobre esta imagem, nem mesmo consta a informação de qual família fez a doação, portanto não há relatos sobre esse evento, apenas o título e o local adicionados às propriedades da imagem digitalizada.

Segundo Kossoy (2001, p.67), “a experiência visual do homem quando diante da imagem de si mesmo, retratado por ocasião das mais corriqueiras e importantes situações de seu passado, leva a reflexão do significado da fotografia na vida das pessoas.” Essas fotografias já contribuem e contribuirão para a preservação da memória da cidade e da história dos clubes de caça e tiro, não somente como documento, mas também estimulando um olhar para o passado que proporciona a realização do presente, dando continuidade à tradição dos fundadores de Blumenau.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Blumenau possui grande diversidade cultural, mas prevalece em sua arquitetura, em sua gastronomia e em seu povo os hábitos deixados por seus colonizadores alemães. Verificar estes traços culturais representados em fotografias contribui para uma valorização da memória e fortalecimento da identidade da cidade. Na descrição das fotografias dos clubes de caça e tiro e na relação com o material de contextualização histórica, foi possível identificar muitos elementos simbólicos da cultura alemã, fundamentais na constituição da identidade da cidade e de sua população.

Neste estudo, a fotografia buscou contextualizar o leitor, familiarizá-lo com a história de Blumenau. A escolha da estratégia metodológica deve-se a necessidade de observar uma imagem, de extrair dela informações e não simplesmente a justapor ao texto como complemento. É preciso atribuir a ela seu papel como representação do homem e de sua apreensão do mundo, indo além da linguagem escrita. Este é um exercício de observação, de identificação dos elementos que compõe a fotografia e de sua relação com o mundo à volta.

Desta forma, este artigo buscou levantar e descrever os elementos visuais das fotografias analisadas com o intuito de investigar hipóteses e detalhes possivelmente despercebidos no decorrer da descrição histórica da cidade e dos clubes de caça e tiro, culturalmente importantes na construção da identidade de Blumenau.

Sempre que são observadas, as fotografias permitem uma nova leitura visual e histórica, pois são observadas em diferentes momentos e contextos, nos quais a capacidade cognitiva e a percepção do homem são diferentes. Dessa forma, “releituras” e estudos com representações do passado se fazem necessários para os estudos do homem, sua história, identidade e memória. A partir da perspectiva descritiva e visual dos registros imagéticos dos clubes de caça e tiro, o estudo buscou fragmentos dispersos que puderam apontar novos caminhos de pesquisa e entendimentos

NOTAS

- ¹Arquitetura denominada *Enxaimel* ou *fachwerk*: estruturada em madeira de lei e preenchida de tijolos aparentes. Referências importantes na constituição de uma linguagem arquitetônica inspirada nas primeiras habitações, escolas, igrejas e edifícios públicos do Vale do Itajaí são os telhados inclinados cobertos com telhas de cerâmica, as armações e treliças de vigas de madeira, as janelas e floreiras e os belos jardins. (CURTIPASSI, 2001, p.123)
- ² Este cargo é atribuído pelos sócios da sociedade, permite que o capitão também concorra a Rei do tiro, se vencedor, teria que escolher qual honraria declinar, era exercido por um prazo indeterminado e findava quando fosse de sua vontade.

REFERÊNCIAS

- ARQUIVO HISTÓRICO JOSÉ FERREIRA DA SILVA. **Acervo iconográfico**: Blumenau. 2013. 2 fotografias de Clubes digitalizadas.
- BLUMENAU EM CADERNOS. **O Rei do Tiro**. Tomo XLV, n. 5, mai.-jun. Blumenau: Cultura em Movimento, 2004.
- CURTIPASSI, Daniel. **Blumenau**: Planeta Verde. Curitiba: Laz Audiovisual, 2001.
- KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.
- _____. **Fotografia e história**. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- PANOFSKY, Erwin. **Estudo de iconologia**: temas humanísticos na arte do renascimento. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.
- PETRY, Sueli Maria Vanzuita. **Os clubes de caça e tiro em Blumenau**. Florianópolis: UFSC, 1979.
- POLLHEIN, Julio. **Fotografia e desenvolvimento regional no médio Vale do Itajaí**. Blumenau: FURB, 2005.
- STINGELIN, Bettina. **Uma Taba para todos**: 150 anos do Tabajara Tênis Clube de Blumenau. Blumenau: Nova Letra Gráfica e Editora, 2010.